

# Fortaleza

Ser fortes de ânimo ajuda a suportar as dificuldades e superar nossos limites. Para os cristãos, Cristo é o exemplo para viver uma virtude que abre a porta a muitas outras.

22/11/2018

## 1. “Per aspera ad astra!”

“*Através das dificuldades, chega-se às estrelas*”. Esta conhecida frase de Sêneca exprime de modo gráfico a experiência humana de que, para conseguir o melhor, há que esforçar-

se, de que “o que vale, custa”, de que é preciso lutar para vencer os obstáculos e arestas que se vão apresentando ao longo da vida, para poder alcançar os bens mais altos.

Muitas obras literárias de diversas culturas exaltam a figura do herói, que encarna de algum modo as palavras da sabedoria latina, que qualquer pessoa desejaria também para si: *nil difficile volenti*, nada é difícil para aquele que quer.

Assim pois, a nível humano, a fortaleza é valorizada e admirada. Essa virtude, que anda de mãos dadas com a capacidade de sacrificar-se, tinha entre os antigos um contorno bem definido. O pensamento grego considerava a “*andreia*” como uma das virtudes cardeais [1], que modera os sentimentos de combate próprios do apetite irascível, e assim dá vigor ao homem para procurar o bem, mesmo

que seja difícil e árduo, sem que o medo o detenha.

## **2. “Quia tu es fortitudo mea” (Sal 31, 5)**

Pertence também à experiência humana a constatação da debilidade da nossa condição, que é, em certo sentido, a outra face da moeda da virtude da fortaleza. Muitas vezes temos de reconhecer que não fomos capazes de realizar tarefas que teoricamente estavam ao nosso alcance.

Dentro de nós encontramos a tendência de nos acomodarmos, a sermos condescendentes para conosco, a renunciar ao que é trabalhoso pelo esforço que comporta. Por outras palavras, a natureza humana, criada por Deus para o alto, mas ferida pelo pecado, é capaz de grandes sacrifícios e, ao mesmo tempo, de grandes transigências.

A Revelação cristã apresenta uma resposta cheia de sentido a essa condição paradoxal que é a nossa existência. Por um lado, assume os valores próprios da virtude humana da fortaleza, que é louvada em numerosas ocasiões na Bíblia. Já na literatura sapiencial se fazia eco dela, ao dar a entender, sob a forma de uma pergunta retórica no livro de Job, que a vida do homem sobre a terra é uma luta [2].

Com frase em certo sentido misteriosa, Jesus disse, falando do Reino de Deus, que o alcançam os que fazem violência a si próprios: *violenti rapiunt* [3]. Esta ideia ficou plasmada na iconografia medieval, como acontece por exemplo na capela de Todos os Santos de Regensburg, onde a imagem que representa a fortaleza luta contra um leão.

Ao mesmo tempo, são numerosos os textos da Escritura que sublinham como as diversas manifestações de um comportamento forte (paciência, perseverança, magnanimidade, audácia, firmeza, franqueza, e inclusive a disposição de dar a vida) provém (e só podem ser mantidas) se estão ancoradas em Deus: “*quia tu es fortitudo mea*”, porque Tu és minha fortaleza (cf. *Sl 71, 3*) [4]. Por outras palavras, a experiência cristã ensina que “toda a nossa fortaleza é emprestada”[5].

S. Paulo exprime de modo certo este paradoxo, em que se entrelaçam os aspetos humanos e sobrenaturais da virtude: “*quando estou fraco, então é que sou forte*”, já que, como assegurou o Senhor: “*sufficit tibi gratia mea, nam virtus in infirmitate perficitur*, basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela a minha força”[6].

### 3. “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5)

O modelo e fonte da fortaleza para o cristão é, pois, o próprio Cristo, que não só oferece com as suas ações um exemplo constante que chega ao extremo de dar a própria vida por amor aos homens [7], mas que além disso afirma: “*sem mim nada podeis fazer*”[8].

Assim, a fortaleza cristã torna possível o seguimento de Cristo, um dia após outro, sem que o temor, o prolongamento do esforço, os sofrimentos físicos ou morais, os perigos, obscureçam no cristão a percepção de que a verdadeira felicidade está em seguir a vontade de Deus, ou o afastam dela. A advertência de Jesus Cristo é clara: “*Expulsar-vos-ão das sinagogas, e virá a hora em que todo aquele que vos tirar a vida julgará prestar culto a Deus*” [9].

#### **4. “Beata quae sine morte meruit martyrii palmam”: o martírio da vida quotidiana**

Desde o começo os cristãos consideraram uma honra sofrer o martírio, pois reconheciam que os levavam a uma plena identificação com Cristo. A Igreja manteve ao longo da história uma tradição de particular veneração pelos mártires, que por especial disposição da Providência derramaram o seu sangue para proclamar a sua adesão a Jesus, oferecendo assim o maior exemplo não só de fortaleza, mas também de testemunho cristão [10].

Mesmo que não tenham faltado em cada época histórica, incluída a nossa, essas testemunhas do Evangelho, o facto é que na vida corrente em que a maior parte dos cristãos se encontra, dificilmente chegaremos a essas condições.

Não obstante, como recordava Bento XVI, há também um “martírio da vida quotidiana”, de cujo testemunho o mundo de hoje está especialmente necessitado: “o testemunho silencioso e heroico de tantos cristãos que vivem o Evangelho sem compromissos, cumprindo o seu dever e dedicando-se generosamente ao serviço aos pobres” [11].

Neste sentido, o olhar dirige-se a Santa Maria, pois Ela esteve ao pé da Cruz de seu Filho, dando exemplo de extraordinária fortaleza sem padecer a morte física, de modo que pode dizer-se que foi mártir sem morrer, segundo o teor de uma antiga oração litúrgica [12]. *“Admira a firmeza de Santa Maria: ao pé da cruz, com a maior dor humana – não há dor como a sua dor -, cheia de fortaleza.- E pede-lhe essa firmeza, para que saibas também estar junto da Cruz [13].*

## 5. “Omnia sustineo propter electos” (2Tm 2, 10)

A Virgem dolorosa é testemunha fiel do Amor de Deus, e ilustra muito bem o ato mais típico da virtude da fortaleza, que consiste em resistir (*sustinere*) [14] ao desfavorável, ao desagradável, ao doloroso. É um perseverar no bem, porque sem o bem não há felicidade. Para o cristão a felicidade identifica-se com a contemplação da Trindade no céu.

Em Santa Maria cumprem-se as palavras do Salmo: *si consistant adversum me castra, non timebit cor meum...* se todo um exército se virar contra mim, o meu coração não temerá [15]. Também S. Paulo, antes de chegar ao supremo testemunho de Cristo, se exercitou durante a sua vida neste ato característico da fortaleza, até poder afirmar: “pelo que tudo suporte por amor dos escolhidos” [16].

Para revelar este aspeto da virtude (a resistência), a Sagrada Escritura costuma referir-se à imagem da rocha. Jesus, numa das suas parábolas alude à necessidade de construir sobre a rocha, ou seja, não só escutar a palavra, mas esforçar-se por pô-la em prática [17]. Entende-se que, em última análise, a rocha é Deus, como não cessa de repetir o Antigo Testamento [18]: “*Minha rocha e meu baluarte, meu libertador, meu Deus, o rochedo em que me amparo, meu escudo, força de minha salvação*” [19]. Não surpreende então que S. Paulo chegue a afirmar que a rocha é o próprio Cristo [20], o qual é “força de Deus” [21].

Para resistir nas dificuldades a fortaleza provém, pois, da união com Cristo pela fé, como indica S. Pedro: *resistite fortes in fide!*, resisti-lhe fortes na fé [22]. Deste modo, pode dizer-se que o cristão se converte, como Pedro, na rocha em que Cristo

se apoia para construir e sustentar a sua Igreja [23].

## **6. “In patientia vestra possidebitis animas vestras” (Lc 21,19)**

Parte da fortaleza é a virtude da paciência, que Joseph Ratzinger descreveu como “a forma quotidiana do amor”[24]. A razão pela qual o cristianismo deu tradicionalmente a essa virtude uma importância notável pode deduzir-se de umas palavras de Santo Agostinho no seu tratado sobre a paciência, que descreve como “um dom tão grande de Deus, que deve ser proclamada como uma marca de Deus que habita em nós”[25].

A paciência é, pois, uma característica do Deus da história da salvação [26], como ensinava Bento XVI no início de seu pontificado: “Este é o diferencial de Deus: Ele é o amor. Quantas vezes desejaríamos que Deus se mostrasse mais forte! Que

atuasse duramente, derrotasse o mal e criasse um mundo melhor. Todas as ideologias do poder se justificam assim, justificam a destruição do que se opusesse ao progresso e à libertação da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E, não obstante, todos necessitamos da sua paciência. O Deus, que se fez cordeiro, disse-nos que o mundo se salva pelo Crucificado e não pelos crucificadores. O mundo é redimido pela paciência de Deus e destruído pela impaciência dos homens” [27].

Muitas implicações práticas podem ser extraídas desta consideração. A paciência conduz a saber sofrer em silêncio, a suportar as contrariedades que emergem do cansaço, do caráter alheio, das injustiças, etc. A serenidade de ânimo torna possível que procuremos fazer-nos tudo para todos [28], acomodando-nos aos demais, levando connosco o nosso próprio ambiente, o ambiente de

Cristo. Por isso mesmo o cristão procura não pôr em perigo a sua fé e a sua vocação por uma concepção equivocada da caridade, sabendo que – utilizando uma expressão coloquial – pode chegar-se até às portas do inferno, porém não entrar, porque ali não se pode amar a Deus. Deste modo, se cumprem as palavras de Jesus: *“é pela vossa paciência que alcançareis a vossa salvação”* [29].

## **7. “Aquele que perseverar até ao fim, será salvo” (Mt 10, 22)**

A paciência está em estreita correspondência com a perseverança. Esta costuma ser definida como a persistência no exercício de obras virtuosas apesar da dificuldade e do cansaço derivado de sua demora no tempo. Mais precisamente costuma-se falar de constância quando se trata de vencer a tentação de abandonar o esforço perante o aparecimento de um

obstáculo concreto; enquanto se fala de perseverança quando o obstáculo é apenas o prolongar no tempo desse esforço [30].

Não se trata somente de uma qualidade humana, necessária para alcançar objetivos mais ou menos ambiciosos. A perseverança, à imitação de Cristo, que foi obediente ao desígnio do Pai até o final [31], é necessária para a salvação, segundo as palavras evangélicas: *“mas aquele que perseverar até o fim será salvo”* [32]. Entende-se então a verdade da afirmação de S. Josemaria: *“Começar é de todos; perseverar, de santos”* [33]. Daí o amor que este sacerdote santo revelava pelo trabalho bem acabado, que descrevia como um saber colocar as “últimas pedras” em cada trabalho realizado [34].

“Toda a fidelidade deve passar pela prova mais exigente: o tempo [...]. É fácil ser coerente por um dia, ou por

alguns dias [...]. Só pode chamar-se fidelidade a uma coerência que dura toda uma vida”[35]. Estas palavras de S. João Paulo II ajudam a compreender a perseverança sob uma luz mais profunda, não como mero persistir, mas antes de tudo como autêntica coerência de vida; uma fidelidade que acaba por merecer o louvor do senhor da parábola dos talentos, e que pode considerar-se como uma fórmula evangélica de canonização: *“Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-se com o teu senhor”*[36].

## **8. “Magnus in prosperis, in adversis maior”**

“Grande na prosperidade, maior na adversidade”. Estas palavras do epitáfio do rei inglês Jaime II, na igreja de Saint Germain em Laye, próximo de Paris, exprimem a harmonia entre os diferentes aspetos

da virtude da fortaleza: por um lado, a paciência e a perseverança, que se relacionam com o ato de resistir no bem, e que já considerámos; do outro, a magnificência e a magnanimidade, que fazem referência direta ao ato de atacar, de se lançar a grandes empreendimentos, e também nos pequenos cometimentos da vida corrente. De facto, segundo a Teologia moral, “a fortaleza, como virtude do apetite irascível, não só domina os nossos medos (*cohibitiva timorum*), mas também modera as ações temerárias e audazes (*moderativa audaciarum*). Assim, a fortaleza ocupa-se do medo e da audácia, impedindo o primeiro e impondo um equilíbrio à segunda” [37].

A magnanimidade ou grandeza de ânimo é a prontidão para tomar decisões de empreender obras virtuosas, admiráveis e difíceis,

dignas de grande honra. Por sua parte, a magnificência refere-se à realização efetiva de obras grandes, e em particular a procura e emprego dos recursos económicos e materiais adequados para levar a cabo obras grandes ao serviço de Deus e do bem comum [38].

S. Josemaria descrevia a pessoa magnânima com estes termos:

*“ânimo grande, alma dilatada, onde cabem muitos. É a força que nos move a sair de nós mesmos, a fim de nos prepararmos para empreender obras valiosas, em benefício de todos. No homem magnânimo, não se alberga a mesquinhez, não se interpõe a tacanhez, nem o cálculo egoísta, nem a embuste interesseiro. O magnânimo dedica sem reservas as suas forças ao que vale a pena. Por isso é capaz de se entregar a si mesmo. Não se conforma com dar: dá-se. E assim consegue entender qual é a maior*

*prova de magnanimidade: dar-se a Deus*” [39].

Requer-se magnanimidade para empreender, em cada dia, o trabalho da própria santificação e o apostolado no meio do mundo, das dificuldades que sempre haverá, com a convicção de que tudo é possível ao que crê [40]. Neste sentido, o cristão magnânimo não teme proclamar e defender com firmeza, nos ambientes em que se move, os ensinamentos da Igreja, também nos momentos em que isso possa supor um ir contra a corrente [41], aspeto que tem uma profunda raiz evangélica. Assim, o cristão conduzir-se-á com compreensão perante as pessoas por vezes com uma *santa intransigência* na doutrina [42], fiel ao lema paulino *veritatem facientes in caritate*, vivendo a verdade com caridade [43], que implica defender a totalidade da fé sem violência. Isto implica também

que a obediência e docilidade ao Magistério da Igreja não se contrapõe ao respeito da liberdade de opinião; pelo contrário, ajuda a distinguir bem a verdade da fé do que são simples opiniões humanas.

\* \* \*

No começo fez-se referência à resistência paciente de Maria ao pé da Cruz. A fortaleza exemplar de Nossa Senhora inclui também a grandeza de alma que a levou a exclamar ante a sua prima Isabel: *Magnificat anima mea Dominum... quia fecit mihi magna qui potens est, a minha alma glorifica o Senhor... porque fez em mim grandes coisas* [44]. A exultação de Maria encerra uma importante lição para nós, como recordava Bento XVI: “O homem só é grande, se Deus é grande. Com Maria devemos começar a compreender que é assim. Não devemos distanciar-nos de Deus, mas fazer que Deus

esteja presente, fazer que Deus seja grande na nossa vida; assim também nós seremos divinos: teremos todo o esplendor da dignidade divina” [45].

S. Sanz Sánchez

\*\*\* *Bibliografia básica*

*Catecismo da Igreja Católica*, nn. 736, 1299, 1303, 1586, 1805, 1808, 1811, 1831-1832, 2473; João Paulo II, *A virtude da fortaleza*, Audiência geral, Roma, 15 de novembro de 1978; Santo Agostinho, *De patientia* (PL 40); S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II- II, qq. 123-140 S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nn. 77-80

---

[1] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, pp. 284 e 289.

[2] Cf. *Job* 7, 1.

[3] *Mt* 11, 12.

[4] Cf. *Ex* 15, 2; *Es* 8, 10; *Is* 25, 1; *Sl* 31, 4; 46, 2; 71, 3; 91, 2; *1 Tm* 1,12; *2 Tm* 1, 7; *Cl* 1, 11; *Fl* 4,1; *Rm* 5, 3-5.

[5] S. Josemaria, *Caminho*, n. 728.

[6] *2 Co* 12, 9-10.

[7] Cf. *Jo* 13, 15 e 15, 13.

[8] *Jo* 15, 5.

[9] *Jo* 16, 2.

[10] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2473. Como se sabe, a palavra latina *martyr* deriva do grego *mártys*, que significa testemunha.

[11] Bento XVI, *Angelus*, 28 de outubro de 2007. S. Josemaria descrevia este martírio incruento em *Caminho*, n. 848.

[12] “Bem-aventurada a Virgem Maria, que mereceu sem morrer a

palma do martírio ao pé da Cruz do Senhor”. Trata-se da *Communio* da festa da Virgem Dolorosa no antigo Missal de São Pio V, que, com um leve retoque, passou a ser, na forma corrente do rito latino, a antífona do aleluia do capítulo n. 11 do Ordinário da Santíssima Virgem: “*Beata est Maria Virgo, quae sine morte meruit martyrii palmam sub cruce Domini*” (cf. Pedro Rodríguez, n. 622 de *Camino*, edição crítico-histórica, Rialp, Madrid 2004).

[13] S. Josemaria, *Caminho*, n. 508.

[14] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, p. 291.

[15] *Sl* 26, 3.

[16] *2 Tm* 2, 10.

[17] Cf. *Lc* 6, 47-49.

[18] Cf. *1 Sm* 2, 2; *2 Sm* 22, 47; *Dt* 32, 4; *Hab* 1, 12; *Is* 26, 4; *Sl* 27, 1; *Sl* 30, 3-4; *Sl* 61, 3.7-8; *Sl* 94,22; *Sl* 144, 1; etc.

[19] *2 Sm* 22, 2-3; cf. *Sl* 18, 3.

[20] *1Cor* 10, 4.

[21] *1 Cor* 1, 24.

[22] *1 Pd* 5, 9.

[23] Cf. *Mt* 16, 18.

[24] Citado por G. Valente, *Ratzinger Professore. Gli anni dello studio e dell'insegnamento nel ricordo dei colleghi e degli allievi (1946-1977)*. São Paulo, Cinisello Balsamo (Milão) 2008, p. 11.

[25] Santo Agostinho, *De patientia*, 1 (PL 40, 611). A paciência é um dos frutos do Espírito Santo enumerados por S. Paulo em *Gl* 5, 22. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 736 e 1832.

[26] Alguns textos neotestamentários aludem à paciência de Deus: cf. *1 Pr* 3, 20; *2 Pr* 3, 9. 15; *Rm* 2, 4; *Rm* 3, 26; *Rm* 9, 22; *Rm* 15, 5; *1 Tm* 1, 16. [27]; Bento XVI, *Homilia no solene início do ministério petrino*, Roma, 24 de abril de 2005.

[28] Cf. *1Co* 9, 22.

[29] *Lc* 21, 19.

[30] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, p. 298.

[31] Cf. *Fl.* 2, 8.

[32] *Mt* 10, 22.

[33] S. Josemaria, *Caminho*, n. 983.

[34] “Gosto das últimas [pedras], que supõem o termo de um longo e paciente esforço” (S. Josemaria, Entrevista para “El Cruzado Aragonés”, 3 de maio de 1969, n. 16).

[35] João Paulo II, *Homilia na Catedral Metropolitana*, México, 26 de janeiro de 1979.

[36] *Mt* 25, 23.

[37] R. Cessario, *As virtudes*, Edicep, Valência 1988, p. 206. [38] Cf. Ángel Rodríguez Luño, *Scelti in Cristo per essere santi. III. Morale speciale*, EDUSC, Roma 2008, pp. 294 e 296. A magnanimidade ou longanimidade é propriamente considerada tradicionalmente como um dos frutos do Espírito Santo: cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1832.

[39] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 80. O Fundador do Opus Dei considerava como manifestação de magnanimidade o cuidado das coisas pequenas: “*as almas grandes têm muito em conta as coisas pequenas*” (S. Josemaria, *Caminho*, n. 818).

[40] Cf. *Mc* 9, 23.

[41] Cf. São Josemaria, *Via Sacra*, XIII estação, ponto 3.

[42] Cf. São Josemaria, *Caminho*, nn. 393-398.

[43] *Ef* 4, 15.

[44] *Lc* 1, 46-49.

[45] Bento XVI, *Homilia na Solenidade da Assunção*, Castelgandolfo, 15 de agosto de 2005.

.....

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
dev.opusdei.org/pt-pt/article/fortaleza/  
\(06/08/2025\)](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/fortaleza/06/08/2025)